

Súmula do Relatório

- No mês em causa a **precipitação média** ocorrida no território do Continente foi de 14.0 mm, inferior ao valor médio normal 1971-2000 (32.2 mm). A região Norte foi aquela que registou mais precipitação, cerca de 70% em relação ao valor normal, enquanto nas regiões do Alentejo e Algarve os valores foram muito baixos, não se verificando sequer precipitação em diversos locais;
- A **precipitação acumulada** conserva-se, no ano hidrológico 2011/2012, em 60% do valor normal acumulado de outubro a junho (referência 1971/2000);
- A percentagem do **território em seca severa e extrema** era, em junho, de cerca de 80%, pois não ocorreu, como é natural, compensação por via da precipitação;
- A **capacidade de água no solo** utilizável pelas plantas diminuiu na 2ª quinzena de junho em todo o território, registando valores inferiores a 20% nas regiões a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela;
- O armazenamento das **bacias hidrográficas** apresenta níveis inferiores aos valores médios de armazenamento para o mês de junho (1990/91 a 2010/11), com exceção das bacias do Ave, Mondego e Mira;
- As **campanhas de rega** a partir das barragens hidroagrícolas decorrem em condições normais, excetuando-se Odivelas, Lucefecit, Silves, Lagoa e Portimão;
- No final do 1º semestre de 2012 a produção de **energia hídrica** foi 64% inferior ao período homólogo do ano anterior, implicando um aumento de 152% de importação de energia elétrica;
- O ponto de situação em termos de estado de evolução das atividades agrícolas é o seguinte:
 - **Prados, pastagens permanentes e culturas forrageiras:** as chuvas de abril e de maio proporcionaram a recuperação destas culturas, em particular das forrageiras, mas também de infestantes, sendo as suas quebras de produção, ainda assim, significativas; no Alentejo estão a ser efetuados cortes das culturas forrageiras para fenação, de má qualidade, conseguindo-se a produção de silagem em algumas zonas; no Alentejo e no Algarve estão

a chegar ao fim do seu ciclo vegetativo e a um estado de esgotamento devido às elevadas temperaturas e aos ventos fortes;

- **Cereais de outono/inverno:** registou-se uma recuperação das culturas a partir de abril, um desagravamento das quebras de produção, mas, em particular, as sementeiras mais cedo registam um desenvolvimento vegetativo irregular ou foram desviadas da sua utilização para grão (para alimentação do gado, por corte ou pastoreio direto); as quebras de produção em termos médios perspectivam-se elevadas;
- **Culturas de primavera/verão:** regista-se diminuição da área de milho grão em certas zonas, como na Península de Setúbal, pelo receio de inexistência de água para rega; nesta zona também se prevê diminuição da área de arroz
- **Culturas hortícolas:** verifica-se em geral diminuição de área e dificuldade de germinação, o que poderá determinar quebra de produção; a batata de sequeiro regista diminuição de produção e a de regadio diminuição de área e tubérculos de menor calibre, mas de boa qualidade;
- **Tomate para indústria:** pese embora o período de seca é expectável um aumento de área, apresentando as plantas bom aspeto vegetativo;
- **Fruteiras:** nas pomóideas verificaram-se dificuldades na floração/polinização e no vingamento do fruto; a maçã Bravo de Esmolfe deverá vir a registar quebra de produção na Região Centro; no Oeste e Médio Tejo as baixas temperaturas prejudicaram o vingamento dos frutos das pereiras; quanto às prunóideas há zonas que apresentam quebras significativas de produção e outras em que se verifica o contrário;
- **Citrinos:** no Algarve, os pomares das variedades mais tardias, apesar de um aumento de dotação da rega e da prática de fertirrigação, apresentam frutos de calibre pequeno, o que os desvaloriza; Ainda nesta região aproveita-se para referir o caso do alfarrobal que apresenta quebras de produção e um desenvolvimento heterogéneo;
- **Vinha:** recuperou o atraso do desenvolvimento vegetativo, mas apresenta evolução irregular;
- **Olival:** em Trás-os-Montes as condições climatéricas provocaram deficiente vingamento do fruto e queda do mesmo, prevendo-se quebras relevantes

na produção; no Alentejo a situação é idêntica nos olivais de sequeiro; no Oeste, Santarém, Lezíria do Tejo e Médio Tejo prevê-se uma boa campanha, o que não irá acontecer em outros locais;

- As **reservas hídricas** estão no geral abaixo do nível do ano anterior, devido ao consumo de água que ocorreu no período de seca; no Alentejo as pequenas albufeiras e charcas encontram-se praticamente esgotadas; a horticultura em Lisboa e Vale do Tejo que utiliza reservas superficiais de água irá ver o ritmo de produção afetado;
- Em termos de fitossanidade, no âmbito do Serviço Nacional dos Avisos Agrícolas, não se registaram situações graves e, em particular, relacionadas com a seca;
- Os **abastecimentos alternativos de água para consumo humano** permaneceram com um comportamento regular face ao observado em outros anos, não refletindo os efeitos da seca;
- O **índice meteorológico de risco de incêndio** agravou-se no início do mês de julho, voltando a atingir valores reveladores da possibilidade de ocorrerem fogos de copas;
- Por fim, e no que diz respeito a medidas para mitigação dos efeitos da seca, importa realçar que no mês de junho foram implementados os seguintes apoios, a acrescer aos que se encontravam já em vigor:
 - Prorrogação da Linha de Crédito para Alimentação Animal até 15 de junho;
 - Dispensa e diferimento de pagamento de contribuições à Segurança Social, de maio a outubro de 2012, no caso das explorações agrícolas em que ocorreram, devido à seca, quebras de rendimento superiores a 30%;
 - Aceleração do reembolso do IVA pelo Estado.